

UM SENTIMENTO DE AMIZADE E SOLIDARIEDADE (*)

O reconhecimento antecipado, face à perplexidade e à angústia do homem diante do tempo — que o confina inexoravelmente às contingências e lindes de seu século, mesmo a contragosto — no escoar assustador da ampulheta do que costumo chamar de formidável aventura da existência, é a melhor das recompensas. E, certamente, as melhores homenagens e comemorações, não são as póstumas, das quais não podemos desfrutar pessoalmente.

Esta reunião fraterna e amena, absolutamente imprevista e espontânea, com que a vontade unívoca dos integrantes do Tribunal Superior do Trabalho — após um dia estafante de cumprimento de nosso dever profissional de magistrados — homenageia a administração da Corte, é daqueles momentos raros de sensibilidade, em que o ser humano mostra a faceta mais sublime que o distingue dos demais seres vivos: o sentimento de amizade e solidariedade. Ocasões como esta desmentem a antiga e conhecida assertiva de SCHOPENHAUER de que a vida do homem é como “um pêndulo que oscila entre a dor e o tédio”. E por que não reconhecer: instantes como os que vivemos agora, são um verdadeiro afago e um estímulo à conclusão da jornada. Sinto-me, pois, no dever de, comovido e profundamente tocado por essa demonstração de afeto e de apoio incondicional e desprendido, agradecer tão nímia gentileza dos colegas de trabalho. E a exemplo do que procuro fazer em relação a todos os atos inerentes à honrosa outorga que recebi dos próprios colegas, reparto-a com os meus ilustres companheiros de administração, Guimarães Falcão, Orlando, Teixeira da Costa e com o brilhante amigo, Ministro Marco Aurélio, hoje, por seu valor e mérito reconhecidos, na Corte Suprema, mas indelevelmente ligado ao TST e à nossa administração, à qual dedicou e ainda dedica, na quase integralidade da atual gestão, o melhor de seus esforços, a sua destacada colaboração e participação ativa, efetiva e profícua e, também, com os meus auxiliares imediatos e suas respectivas equipes.

Creio convictamente que esta agradável e descontraída reunião de exteriorização de sentimentos e de reencontro de afinidades, é a síntese viva da palavra-meta com que tenho procurado marcar a minha passagem no honroso mas difícil e árduo posto de Presidente do Tribunal Superior do Trabalho e que tenho difundido e disseminado em pregação peregrina, à família em que se estrutura a Justiça do Trabalho: a integração.

(*) Agradecimento do Ministro Marco Aurélio Prates de Macedo, no jantar em homenagem à administração da Corte, oferecido pelos Ministros do TST, no dia 20.8.90.

Já se disse, repetindo o sábio, que a mais penosa das missões é o comando de iguais. Efetivamente, a liderança e primazia entre os pares, traz em seu bojo graves e ingentes responsabilidades. No caso do lapso de tempo da tarefa sublime que me tocou, estou convencido de que, juntos, cumprimos etapas marcantes e escrevemos, com altivez e consciência do dever, páginas de labor fecundo e patriótico que jamais deslustrarão a história do nosso Judiciário Trabalhista. Tenho a noção nítida de ter obtido, com a lealdade, honestidade de ações dos Ministros que compõem a Corte, transparência nas atitudes, caráter forte e independente de todos, demonstrando a aptidão e preparo dos nobres amigos e colegas para a atuação em colegiado, uma prestação jurisdicional sóbria, digna, justa, eficiente e eficaz e à altura do momento de tensa sensibilidade social e de grandes transformações econômicas vividas pelo País e, sobretudo, a mais condizente com o nosso dever de guardiães da paz social, em benefício da causa última de nossas preocupações e de nossa faina: o jurisdicionado, o cidadão-trabalhador.

Por isso mesmo, sem vaidade ou sentimento de auto-promoção, considero que o Tribunal Superior do Trabalho alcançou, nesta última quadra de sua existência, o ponto culminante de importância social, econômica, jurídica e política que o coloca, seguramente, como uma das mais importantes instâncias do Judiciário Brasileiro. Realisticamente também reconheço que, por mais que tenhamos feito, há muito a realizar em prol da construção de uma nova ordem social que promova maior justiça, melhor distribuição de rendas, o mais adequado equilíbrio entre o capital e o trabalho e, acima de tudo, que assegure o acesso a todos os filhos desta Pátria abençoada, aos bens da civilização.

Em nome de todos esses valores, desses desafios que devem constar do programa de vida de todos os cidadãos prestantes, de todos os homens de boa vontade, é que conclamo os meus colegas de administração que proximamente irão receber das mãos deste colega mais antigo, deste amigo calejado em final de travessia, o cajado da liderança do nosso sodalício, para a cruzada de preservação desta Corte de espíritos pacificados e unidos num objetivo uníssono e comum; de continuidade administrativa sem contínuismo de quaisquer idéias personalísticas; de perenização, enfim, da inteireza de propósitos e de ideais com que o Tribunal tem se afirmado e se solidificado intensamente perante a sociedade. Esta é a índole e a vocação do Tribunal Superior a que temos a honra de pertencer.

Dizia JULES ROMAINS que "O tempo passa. E cada vez que o tempo passa, há qualquer coisa que se apaga". Há instantes que, no entanto, como que se imobilizam e se fixam com tintas indelévels em nossas retinas. São momentos mágicos em que conseguimos capturar esse novelo etéreo e esfumaçado, materializando-o e sobre os quais podemos até mesmo lançar

uma âncora imaginária. Creio que no restante de minha trajetória, não me esquecerei jamais desse momento de conagração, de fraternidade e, principalmente, de amizade, "esse sentimento vivo e muito doce que torna a vida feliz e virtuosa", a que se referia ARISTÓTELES. Essa, a maior recompensa que penso poder recolher de uma vida bem vivida, voltada para o cultivo dos valores transcendentais da existência; da prática do bem como um dogma; do trabalho denodado e austero como um compromisso de vida e da sementeira constante desses princípios, em terras férteis e generosas; pontilhada de ocasiões revivificantes como esta, que nos permitem relembra-los o sábio conselho-paradigma de BASTOS TIGRE:

*"Do que tiveres no pomar plantado,
apanha os frutos e recolhe as flores;
mas, lavra ainda e planta o teu eirado;
que outros virão colher quando te fores.
Que a neve caia. O teu ardor não mude.
Mantém-te jovem, pouco importa a idade,
tem cada idade a sua juventude."*

Comovido, agradeço a todos os colegas aqui presentes que me proporcionaram esta alegria inolvidável.

Aqui estão comigo, como que antecipando as despedidas que se avizinhavam, tantos e tão bons amigos de caminhada, fisionomias familiares, amáveis e afetuosas, oferecendo à nossa administração este magnífico jantar que, fiel ao meu espírito e ao meu modo de ser e de sentir a vida e o mundo, não posso encerrar essas palavras de gratidão final por tão significativa homenagem, sem recorrer novamente, à velha poesia, "essa divindade necessária" de que nos fala PAULO MENDES CAMPOS, para invocar o estro do poeta universal, paradoxalmente tão arraigado à minha querência meridional, o grande MARIO QUINTANA:

"Cheguei a concha da orelha à concha do caracol. Escutei vozes amadas que eu julgava eternamente perdidas..."